

MEMÓRIAS DO TÁRTARO, EROTISMO E MORTE

*Cristiana Carneiro**

RESUMO

O presente artigo consiste no relato parcial de um caso onde a questão libidinal é discutida em relação ao desejo de morte. A incapacidade da analisanda de investir em si mesma como objeto amoroso desenha um circuito depressivo onde o trabalho, os relacionamentos e a vida ficam impossíveis. Discutem-se, ainda, as possibilidades que a morte pode ocupar na dinâmica subjetiva e como a analisanda deu encaminhamento a essas questões a partir da transferência.

Palavras-chave: morte; erotismo; memória.

ABSTRACT

TARTARUS MEMORIES, EROTICISM AND DEATH

This article is a partial case study in which libidinal issues are discussed in relation to a death wish. The incapacity of the patient to invest herself as a love object draws a depressive circuit where work, relationships and ultimately life, become impossible. We also discuss the possibilities that death can occupy in the subjective dynamic, as well as how the patient worked through these issues from the standpoint of transference.

Keywords: death; eroticism; memory.

* Psicanalista; Doutora em Psicologia (UFRJ); Professora do ISERJ e CEP COP-USU; Membro Associado da SPID.

Sônia me procura ao longo de um processo depressivo que já durava alguns anos. Tomada pelo breu petrificante de sua descida ao inferno, sua fala era insuficiente para descrever os estados avassaladores que vivenciava. *Estou num quarto escuro, a porta está fechada, não acho saída. Não encontro sentido em viver, não quero viver. Estou toda em pedaços.* Sua produção onírica era rica em exemplos do desastre psíquico que vinha presenciando. Um liquidificador que jorrava pedaços de comida por toda a sala, situações de morte constante, muito choro. A tristeza sem fim de Sônia tomava os dias e as noites e a energia para os investimentos na vida e nos objetos se tornava impossível. Achava-se feia, pouco interessante, incapaz. Sua vida cotidiana sofria os efeitos de seu estado psíquico: a impossibilidade de estudar, de arrumar seu quarto, de produzir desde o mais banal até o mais elaborado trabalho. *Estou no domínio da morte,* disse-me ela. *Não sinto prazer em nada, não me sinto útil, não consigo ver absolutamente nada de bom em mim. O domínio da morte é escuro, nos arrasta para o fundo do inferno, cada vez mais... O pior de tudo é que eu percebo isto, sei que não estou vivendo nesses últimos anos, e sofro profundamente por isso.* Encontrando-se num registro de neurose, ela podia perceber o quanto de vida estava perdendo, o tempo que não tinha podido investir em si mesma, o abandono que se impunha à sua revelia. Essa situação era, segundo ela, a mais desesperadora, porque sabia o que era viver bem, tinha a memória de uma vida alegre, plena de experiências, cheia de amor. Provavelmente essa memória de amor foi o que a impediu de levar a cabo suas idéias suicidas. Somadas à sua percepção, as vozes do mundo circundante (família, amigos) desconsideravam este estado, mostrando para ela que sua vida era ótima. Boa situação econômica e social, instruída, com família, *o que ela queria mais?* Não havia sentido algum em sentir o que sentia. Essa intolerância com seu estado de morte veio a piorar a situação, já que não abria nenhuma possibilidade para acolher aquilo que mais verdadeiramente vivia. Uma incapacidade intelectual acompanhou esses anos de exílio, vindo a prejudicá-la em seu trabalho. Afeta ao debate da

produção de conhecimento, assistiui a um declínio progressivo de sua capacidade laboral.

Se Freud ([1914] 1980) nos fala de o caráter imprescindível do eu ser também seu próprio objeto amoroso, sem dúvida Sônia estava nos dizendo desesperadamente da impossibilidade de o fazer nesses anos. Impossibilitada de amar, de investir na vida e em si, só lhe restou viver a catexia erótica como o “grave esgotamento” do eu renunciado por Freud ([1914] 1980: 117). Rompendo uma certa coerência narcisista, essencial para o investimento libidinal na vida, Sônia perambula pelas sombras da morte. Eros e Tântatos se desenlaçam, o que lhe dá a experiência profundamente verdadeira de ser uma morta-viva. Mas o que podemos dizer sobre seu terrível desejo de morte? A sensação de não estar vivendo, mas *vegetando* nos últimos anos de sua vida? A questão de seu desespero é saber que o tempo está passando e que ela não está podendo viver. Portanto, há uma vivência paradoxal: ao mesmo tempo que se sente absolutamente letárgica, inerte – portanto, é de uma temporalidade congelada que se trata –, sente o peso magnânimo de uma inexorável e constante perda de tempo, o que posteriormente se transformará numa angústia insuportável. Neste plano da temporalidade, o desejo suicida viria resolver o conflito, já que só a morte realiza “o oximoro de um instante que seja eterno” (Millot, 2004: 135). Na morte se sonha uma vida onde não exista divisão constituinte, uma existência “não corroída pela consciência de ser” (Millot, 2004: 135). Contudo, indo na direção contrária da promessa suicida, a análise traz à tona a divisão, tentando soprar um pouco do calor da vida nas profundezas geladas da morte.

MORTE E TEMPORALIDADE

Pensando as conseqüências das diferentes leituras de temporalidade em relação ao sujeito, Pelbart (1995) – relendo Blanchot – vai nos dizer que haveria duas grandes concepções de morte. Numa a morte seria representada como plena de sentido, como extremo do

poder “minha possibilidade mais própria em que acabo dizendo eu, mesmo ao morrer” (Pelbart, 1995: 49), então teríamos o ser que caminha para a morte, como aquele que caminha para a totalização, para finalmente suprimir a diferença. Nessa visão teríamos uma certa idealização da experiência do morrer, a bela morte, purificaríamos a morte da sua brutalidade. Essa intimidade com a morte, no plano do sujeito, se coadunaria com a idéia onipotente de dominar a diferença, através de uma apropriação que a aniquilaria. Como se ao fazer isso fosse possível anexar o desaparecimento à consciência, ao invés de ver a consciência limitada pelo desaparecimento que vem de fora. A idéia de controle aqui prevalece numa vertente de completude, o que o eu quer é ser “todo seu”, é a garantia de não ser mais acossado por nenhuma estrangeiridade. Nessa ótica, a morte desprezaria a vida porque seria mais importante, seu fundamento e sua finalidade: “a vida apareceria como uma quase-vida, e a morte como passagem para a vida verdadeira” (Pelbart, 1995: 49). O valor da vida nunca estaria nela mesma, mas sempre nesse depois absoluto e transcendente. O valor sempre estaria lá, longe, apesar do sujeito. A morte, nesse caso, seria ansiada justamente porque representaria uma libertação em relação ao tempo, seria “a negação do tempo e sua ultrapassagem numa totalização apaziguada” (Pelbart, 1995: 50). Neste exemplo extremo, nós teríamos o suicídio entendido como o ato de máxima liberdade de um sujeito, porque através dele supostamente se acabaria a ingerência do tempo sobre o corpo, por uma última e única vez o sujeito seria seu senhor absoluto. Mas, antes de ser lido como um ato de coragem, nessa ótica o suicídio seria um ato de impaciência, impaciência com a estrangeiridade, com o não-saber (Pelbart, 1995). Por esse ângulo, a morte não seria sem sentido, seria prioritariamente entendida como fática, como o último fato da vida individual. Priorizá-la como limite único, localizada no fim, seria compreendê-la sobretudo por esse viés do acontecimento último.

A outra forma de pensarmos a morte, que seria mais um morrer do que a morte propriamente dita – porque, se não é com-

preendida como fato único, sempre se está morrendo e nunca se acaba de morrer –, é da ordem da incerteza, da surpresa, daquilo que nunca se sabe quando chega. Esse viés reafirmaria a condição paradoxal de sermos temporais, que nos destituiu permanentemente do nosso poder sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre o tempo. O morrer seria enaltecido como potência de estranhamento e intensificação (Pelbart, 1995). Seria relativo a todas as metamorfoses, a todos os devires, que constantemente apelam para outros, diferentes. Mas aqui o estranhamento se mantém porque justamente a morte não é o objetivo último, portanto não ter na morte a finalidade é relançá-la como o sem sentido, como incógnita, como diferença *na*, durante *a* própria vida.

Nesse sentido, ter na morte um enigma é poder ser atravessado pelo tempo na sua dimensão de irreversibilidade, de inapreensível, de algo que escapa, já que o enigma é algo que nos confronta fundamentalmente com um não-saber, diante dele não temos resposta.

Aqui voltamos ao caso. Como fazer para que Sônia pudesse parar de morrer em vida e pudesse transformar a morte em enigma? Como o horror do Tártaro poderia esmaecer sua questão suicida e se tornar estranheza produtiva? Para Freud ([1923] 1980), esse horror poderia ser pensado como um medo secundário calçado na angústia de castração. Indicando-nos como o eu se organiza justamente em torno do medo da morte, referido à castração, Freud ([1914] 1980) sublinha o caráter imprescindível de a considerarmos não só na constituição do sujeito, mas como peça central do processo analítico.

Ao afetar insistentemente os sujeitos, a morte que suscita estranheza poderia se tornar enigma. Todavia isto não é suficiente, é importante elevar o enigma à dignidade de questão, o que significa poder circunscrevê-lo com palavras, formulá-lo. Fazer do desconhecimento que nos afeta uma medida de conhecimento, uma forma de relação, ordenando-o na palavra, porque só assim poderemos transformá-lo, torná-lo relativo.

OS POEMAS DO INFERNO

O tratamento de Sônia prosseguiu a passos lentos, na velocidade que ela estava podendo imprimir. Sua voz era lenta, baixa, arrastada. A sensação de vazio, oco era a que predominava, no entanto a transferência foi se estabelecendo. De grão em grão, o vazio foi começando a ganhar um nome, e as palavras, subindo e descendo o desfiladeiro, começaram a descrever o precipício. A angústia começou a ocupar mais a cena analítica do que a letargia, e Sônia se pôs arduamente a tentar descrever o Tártaro. Ainda que tivesse sessões às vezes três ou quatro vezes por semana, seu trabalho continuava empenhadamente fora do consultório. Através da palavra escrita tentava contornar ainda mais esse objeto que a fala era incapaz de bem dizer. Seu dom poético agregava valor sentimental às descrições mortíferas do estado depressivo e muitos textos, poesias e crônicas começaram a surgir. Assim, a escrita tentou descrever “o trabalho do tempo e da morte, mas, ao dizê-lo, lutou igualmente contra ele” (Gagnebin, 1994: 61).

A escrita, ao espacializar, criou um espaço de permanência. Tentativa legítima, mantenedora da vida, mas sempre inacabada quando se pensa a morte como o inacessível, a indeterminação absoluta. Mas não é justamente o desconhecimento que funda o conhecimento? Aquele que já toma o saber como dado, como um fato plenamente explicado, pleno de sentido, não precisa mais buscar. Portanto, a morte como enigma, “enigma que é estranheza do fim singular” (Blanchot, [1969] 2001: 76), não tendo resposta, engendra uma busca de sentido.

A escrita de Sônia, a partir da transferência, foi empreendendo um caminho erótico onde a libido pode reaparecer dirigida aos objetos. Isso, é importante ressaltar, a partir do momento que o estado infernal da analisanda em nada se assemelhava a um luto, pelo contrário, o desinvestimento como manifestação da destrutividade da pulsão de morte se opôs radicalmente ao trabalho de luto (Freud, [1917] 1980). O que significa dizer que o desinvestimento de Sônia

na vida, antes de ser um movimento necessário de reorganização interna, uma perda que possibilitaria a elaboração, se situava ao lado da desorganização. A letargia, ora interrompida por crises insuportáveis de angústia, apontava para uma inundação de afeto livre, não ligado. Nesse aspecto, a carga energética excessiva não podia se materializar em respostas efetivas à dificuldade do presente, aos perigos internos e externos, resultando naquilo que podemos definir com Lacan ([1972-1973] 1982) como um gozo inútil. O trabalho da escrita, contrariamente, pôde ir no sentido de uma elaboração, reconstruindo de alguma forma um eu despedaçado. A retomada de um certo equilíbrio na possibilidade de investir em si mesma como objeto amoroso possibilitou reconstruir poeticamente a morte ao invés de apenas vivê-la. Assim, ao fazer do estado mortal um objeto de conhecimento, pôde engajar-se em um novo percurso.

O REENCONTRO COM EROS

Freud ([1908] 1980) já tinha oferecido um modelo de busca, intrinsecamente ligado à constituição do sujeito, que envolveria o campo do conhecimento, mas que estaria justamente articulado ao campo do desconhecido. Ao questionar a origem, “de onde vêm os bebês?”, a criança estaria fundamentalmente questionando a si própria, de onde ela veio – no sentido do que a causou –, elevando essa questão à função de enigma. Mostra-nos que, mesmo que a questão seja respondida, a criança continua indo adiante, sempre encontrando um ponto de desconhecimento que a incitará a pesquisar mais. As hesitações e dúvidas que encontra ao longo do percurso “tornam-se, entretanto, o protótipo de todo o seu trabalho intelectual posterior aplicado à solução de problemas” (Freud, [1908] 1980: 222), e os enganos infantis encontrados nesse percurso – falsas respostas, fantasias explicativas – contêm sempre um “fragmento da verdade” (Freud, [1908] 1980: 225).

Nesse sentido, a dúvida romperia com a ação imediata, no automático, exigindo uma mediatização pelo pensamento, mas tam-

bém requisitaria posteriormente uma resposta para que pudesse diminuir o acúmulo de tensão e não ser patogênica. Assim, o pensamento, enquanto ação de formular uma idéia através de palavras que dão definições e determinações, se veria enredado numa espécie de problema a resolver e seria obrigado a executar um desvio. Esse desvio propiciado pelo pensamento – que Freud relaciona com um desvio das metas especificamente sexuais e que, portanto, iria no sentido contrário da descarga imediata – é condição da própria subjetividade (Freud, [1905] 1980).

Os esforços intelectuais posteriores do sujeito repousariam sobre essa grande questão da origem, o que significa dizer que essa questão seria um protótipo do que mais tarde poderia se traduzir em “quem sou eu?”, “porque faço o que não quero?”, “o que desejo?”. Ou seja, ela compareceria de formas variadas, mas teria como característica ser uma questão de resposta impossível, porque as respostas seriam sempre parciais, nunca a respondendo plenamente.

A investigação – articulada à pulsão de saber – não estaria exclusivamente subordinada à sexualidade, mas referida também ao mais além desse princípio organizativo, que é o prazer no campo da sexualidade. Ou seja, se a construção do conhecimento e o pensamento investigativo são despertados pela curiosidade sexual e trabalham com a energia sexual – Freud ([1905] 1980) se refere especificamente à energia escopofílica –, portanto poder formular o enigma em questão, nomeá-lo, dar-lhe uma forma só será possível no campo ordenado do princípio do prazer. Sua atividade também corresponde “a uma forma sublimada de dominação” (Freud, [1905] 1980: 182), dominação que também estaria relacionada ao não-sexual, portanto ao mais além do princípio do prazer (Laplanche, 1992)¹. Assim, a formulação de uma questão aberta, que tem no pesquisar uma atividade mais importante do que no responder, seria uma *forma* – portanto algo já referido ao princípio do prazer – que, no entanto, apontaria para o informe, o indizível, já que estaria sempre tentando capturar uma resposta que nunca chega, nunca basta, nunca se faz inteiramente. A atividade do pensamento, nesta ótica, seria produtiva

va porque exerceria um domínio do excessivo, daquilo que tem um poder mortífero, tornando-o aplicável de alguma forma, “de modo que uma disposição em si perigosa resulta um aumento nada insignificante da eficiência psíquica” (Freud, [1905] 1980: 224).

Este ponto é importante no caso de Sônia a partir do momento em que a desintrincação da pulsão de vida e de morte a incapacitou ao trabalho intelectual, tanto referido ao seu trabalho propriamente dito, quanto a esse analítico, onde o prazer e seu mais além permitem ao sujeito seguir na direção de seu desejo. A escrita, ao reativar sua disponibilidade reflexiva, foi aos poucos retomando sua particular história com a pulsão de saber. A curiosidade – tão ligada a Eros –, que tinha sido há muito abandonada, foi timidamente reaparecendo. Esse jogo, humano, só foi possível através da linguagem.

É na tentativa de responder ao impossível que construímos o possível e o impossível, entendido aqui como o impensável, o que não se sabia antes. A linguagem é nosso instrumento humano através do qual buscamos o sentido, e nessa procura-encontro “incansavelmente edificamos o mundo” (Blanchot, [1969] 2001: 73) e nós mesmos, essa existência indeterminada, sempre a se fazer. Mas, se essa busca, que privilegia um tipo de relação na qual alteridade e identidade se conectam, na qual *o eu e seu outro* são articuláveis, não tem fim, ela justamente precisará que a finitude compareça como estranhamento, do contrário não há por que questionar. Ou melhor, se não há estranhamento, se a morte como enigma do fim não é lançada no presente, não se forma o movimento de conhecer e de orientar a produção de saber.

A relação com a alteridade que a questão encerra ao dirigir-se para um não-saber envolve necessariamente o sujeito, justamente porque aponta para sua divisão constituinte, para a dessimetria entre o *Eu sou* e o que me determina. A questão passaria, assim, a ser um operador da diferença, uma bússola que dirigiria o sujeito numa construção de conhecimento sobre si. Ou melhor, ter a morte como enigma é questionar a condição paradoxal de sermos tempo-

rais, que nos destitui permanentemente do nosso poder sobre nós mesmos, fazendo com que esse *nós* seja também questionado. Desse modo, o não-saber como potência de estranhamento poria em questão profundamente o próprio sujeito enquanto ser. Mas aqui temos algo curioso. Na medida em que a questão se volta para o sujeito, ela o faz em relação à origem – assim como Freud ([1908] 1980) já sinalizara –, no sentido de que ela põe em questão o antes, já que o depois ainda não se deu. Ou seja, quando questiona, o faz sobre o instituído, sobre o já dado. O futuro ainda pode tudo, já que não se efetivou. A questão será formulada, assim, sobre um “pano de fundo” que já se deu, que já se constituiu no tempo, ainda que este seja o imediatamente antes. Por isso podemos representá-la como um operador do *a posteriori*, na medida em que intenta articular um antes e um depois, cuja distância enigmática afetou o sujeito.

Ao instigar uma busca de resposta sobre a origem, como em Édipo, por exemplo, o Oráculo oferecia um caminho em que o sujeito seria também a própria resposta, já que apenas refazendo seu percurso próprio a encontraria/construiria (Vernant & Vidal-Naquet, 1977). Assim, a questão passaria a ser o operador do movimento da busca, e esse encontro do sujeito com suas verdades ia se dando no próprio delineamento das respostas.

Decifrar seria, assim, uma forma de dominar o não-saber enigmático. A linguagem possuiria a capacidade de tornar a fazer presente algo que afetou o sujeito. Nessa ótica, esquecer a morte-enigma seria impossibilitar esse trabalho de conhecimento, impedindo justamente que formulássemos a questão que tanto inquieta – “quem sou?”, “para onde vou?”. Mas, ao viver o instante como se esse não fosse a iminência da morte, correríamos o grande risco de nunca vivermos verdadeiramente, porque a liberdade reside na mobilidade ensejada pela distância “entre o que temos que ser e o que somos” (Wine, 1999: 220). Sem a experiência de estranhamento articulada ao campo do sentido, não poderíamos construir a própria verdade, nos adaptando a uma verdade de outrem. É nesse sentido que Morin

(1997) nos adverte: “esquecer a morte é sempre esquecer a si mesmo” (Morin, 1997: 52).

O percurso de Sônia foi muito árduo. Uma tristeza sem fim, quase melancólica, não se modifica em pouco tempo. A vivência cruel desta mortificação em vida deixou rastros profundos. Apesar da dor, ter podido relançar o Tártaro em palavras tornou-o um pouco menos terrível – se é que isso é possível – e abriu uma possibilidade para o amor novamente. Se, por um lado, nos tempos de exílio, a memória de amor serviu como possibilidade mínima de esperança, a escrita sob transferência permitiu elaborar as vivências do inferno e, ao fazê-lo, transformá-las em memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Blanchot, M. (1969/2001). *A conversa infinita – a palavra plural*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1905/1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras completas, ESB*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1908/1980). Sobre as teorias sexuais das crianças. *Obras completas, ESB*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1914/1980). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1917/1980). Luto e melancolia. *Obras completas, ESB*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1923/1980). O ego e o id. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Gagnebin, J. M. (1994). *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.
- Lacan, J. (1972-1973/1982). *O Seminário, Livro XX, Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1992). *Vocabulário da psicanálise*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Millot, C. (2004). *Gide Genet Mishima – inteligência da perversão*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Morin, E. (1997). *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pelbart, P. (1995). O tempo não-reconciliado. Em Katz, C. S. (Org.). *Temporalidade e psicanálise* (pp. 41-66). Rio de Janeiro: Vozes.
- Vernant, J. P. & Vidal-Naquet, P. E. (1977). *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. São Paulo: Difusão européia do livro, USP.
- Wine, N. (1999). *O sujeito entre o tempo e o espaço*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, UFRJ, Rio de Janeiro.

NOTAS

- ¹ Remetemos para a discussão que Laplanche e Pontalis (1992) fazem do conceito de pulsão de domínio no decorrer da obra freudiana, suas nuances em relação à primeira e à segunda tópicas. O importante a ressaltarmos é que esta pulsão seria compreendida por Freud como uma pulsão não-sexual, que apenas secundariamente se uniria à sexualidade.

Recebido em 11 de abril de 2007

Aceito para publicação em 10 de maio de 2007